

Homens negros letrados na Parahyba do Norte na transição do Império para a República: trajetórias de Vicente Gomes Jardim, Graciliano Fontino Lordão e Manoel Cardoso Vieira

A aproximação de pessoas negras com o universo letrado na Parahyba do Norte no século XIX e as evidências de sua participação na escola, inclusive pública, vêm sendo discutidas pela historiografia recente. Escravizados, filhos de homens de cor, filhos de escravas, pardos, alunos de instituições destinadas a pobres buscavam a instrução ou eram alvo de iniciativas públicas ou particulares.

Entre esses, homens negros se destacaram local e nacionalmente, experimentando projeção intelectual, profissional e política. Sujeitos com trajetórias semelhantes em outras partes do Império e Brasil nos primeiros anos de regime republicano vêm sendo alvo de interesse e análise. Luiz Gama, Machado de Assis, André Rebouças, Cruz e Souza, José do Patrocínio, Lima Barreto, Hemetério dos Santos, Ferreira de Menezes, Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theophilo Dias de Castro, Philippe José Alberto Júnior, De Chocolat, Manuel Querino, Nascimento Moraes, Israel Soares, se distinguiram por sua atuação em atividades como escritores, advogados, políticos, jornalistas, entre outras.

Pretendemos, a partir da escolha dos três paraibanos designados como “de cor”, “mestiço”, “pardo”, por auto-atribuição ou por outros, analisar suas trajetórias em frentes diversas (profissionais, políticas, docentes). A pesquisa está ancorada em fontes como imprensa, documentos oficiais e obras produzidas no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, assim como no debate com a historiografia social e da educação sobre o tema.

Cardoso Vieira (1848-1888), Graciliano Lordão (1844-1906) e Vicente Gomes Jardim (1841-1905) foram contemporâneos e tinham em comum, além da cor, a aproximação com o universo letrado. Porém, guardavam diferenças como estrato social e áreas de atuação. Vieira, filho legítimo de proprietário de engenhos e escravos e de uma mulher negra, bacharel em Direito, atuou na imprensa, foi aluno e professor do Liceu Paraibano, abolicionista, além de ter representado a província na Assembleia Geral como deputado. Lordão, filho de um frei católico e uma mulher negra, foi professor em diferentes regiões paraibanas, possuiu terras, foi membro Partido Liberal, atuando como deputado provincial e morreu ostentando o título de coronel. Jardim se destacou como pedreiro, mestre de obras, arquiteto, e autor de

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

importantes obras técnicas: Manual do Architecto Brasileiro e Monographia da Cidade da Parahyba.

Refletiremos sobre as similaridades e as diferenças entre suas experiências e trajetórias, e as possibilidades daí advindas para a compreensão da história e história da educação negra brasileira.